

O presente ensaio tem por objectivo definir os parâmetros que justificam a integração do vulto de Alexandre Herculano, figura política, literária e intelectual portuguesa, na historiografia romântica e liberal. Para os devidos efeitos evocam-se os critérios estipulados por Guy Bordé e Hervé Martin na definição da corrente, presentes na obra *As Escolas Históricas* (1983), onde é possível constatar as evidências e características do movimento, paralelas às circunstâncias nacionais da época. Destarte, o trabalho prossegue comparando e concomitando de forma breve, objectiva e pragmática, a corrente e o autor, nos pontos concorrentes para uma afinidade global.

A corrente é fruto do contexto dos movimentos liberais, das revoluções burguesas, dos movimentos independentistas e das tendências anticlericais, circunstâncias não alheias a Portugal, que conduziram Herculano, um jovem intelectual, a tornar-se partidário do liberalismo, tendo, inclusivamente, integrado momentos significativos como o cerco do Porto em 1831. Na qualidade de romântico, o liberalismo veio a ser a ideologia subjacente a toda a sua produção intelectual e historiográfica, e a estética da sua expressão escrita uma sentida e inflamada comunicação.

A proveniência social dos historiadores assinalava-se por estratos elevados, implicados em circuitos eruditos e literários, com acesso a cargos de magistratura. O espaço físico onde se reuniam os românticos e liberais portugueses encontra correspondência no cenário internacional, onde efervesciam academias, escolas, sociedades e antiquários. Nesta acepção é inegável a relevância social do autor, apesar das dificuldades financeiras durante sua ascensão que, não obstante, lhe conferiram outras qualidades e experiências indispensáveis ao exercício de um historiador romântico, nomeadamente competências arquivísticas e literárias, obtidas durante o seu contacto com a Torre do Tombo, por exemplo. Mais tarde, entre outros cargos, Herculano tornou-se coadjutor do Director da Biblioteca Pública do Porto (1833), redator do *Diário do Governo* (1837), director da Real Biblioteca da Ajuda e das Necessidades (1839), e, posteriormente, foi membro da Academia Real das Ciências e seu dirigente (1844).

Em termos temáticos e programáticos a corrente caracterizou-se por enfatizar o indivíduo e a liberdade, as sociedades e o municipalismo, sendo eminentemente regionalista, com grande simpatia pela Idade Média, considerada a época do advento das nacionalidades.

Qualifica-se como uma corrente subjetiva, ausente de tradições científicas e de pouco espírito crítico, olvidada de objectividade e imparcialidade, contudo, pontos amplamente compensados pela riqueza e originalidade literária observada na época, na qual Herculano

também foi pioneiro nacional do género literário do romance histórico, tornando-se autor análogo à qualidade de Walter Scott e Victor Hugo.

Todavia, tratou-se de uma literatura marcada pela fantasia, pela idealização das figuras históricas e por uma forte ficção dos seus comportamentos e sentimentos, derivando em excessos de estilo, idiosincrasias também encontradas nas obras de Herculano: *Eurico, o Presbítero, o Bobo, O monge de Cister* (dois volumes), etc.

Retomando o assunto, a historiografia romântica é marcada por um período de grande exaltação das nacionalidades e também do europeísmo, com especial fascínio pelas origens. Neste sentido, em Portugal, Herculano foi autor pioneiro de uma volumosa obra, *História de Portugal* (1846), que se tornou referência historiográfica nacional.

Do ponto de vista metodológico e ideológico a corrente procurou a autenticidade documental recorrendo aos métodos da crítica erudita e relevando momentos chave como significativos da construção da História nacional, assim como a apologia do municipalismo, valorizando o papel do indivíduo e do Povo. A respeito disto, a obra de Herculano tanto preza pelo forte contributo e discernimento documental proveniente da forte experiência arquivística do autor, como pela lealdade ideológica ao liberalismo e ao anticlericalismo, mas que não renega o cristianismo, de que foi exemplo a controvérsia de Ourique (primeiro volume da *História de Portugal*), tema sobre o qual Herculano não se debruçou particularmente, demonstrando uma clara tomada de posição face à historiografia da providência (milagre de Ourique).

É ainda uma corrente inserida num contexto de grande azáfama dos periodicistas. No plano internacional destacou-se a *Revista Histórica*, e no plano nacional podemos destacar *O Panorama*. Neste contexto, Herculano teve uma participação activa na estruturação do pensamento da época, através do seu espírito polémico e reivindicativo, sendo um crítico e um filósofo da história, com os seus antagonistas correspondentes, nomeadamente Magessi Tavares. Em suma, os parâmetros que justificam a integração de Herculano na corrente foram de ordem política, social, cultural, ideológica e metodológica, em afinação com o movimento internacional do romantismo e do liberalismo.

Referências bibliográficas (NP405)

Ana Isabel Buescu – “Alexandre Herculano e a polémica de Ourique. Anticlericalismo e iconoclastia”. In Livro do Colóquio realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 19 de Novembro de 2010. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013, pp. 37-57.

Biblioteca Nacional de Portugal; Centro de História da Universidade de Lisboa – Dicionário dos Historiadores Portugueses. Da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo. [em linha]. Portugal: UL; CH, 2021. [Consult. 26 Março 2021]. Alexandre Herculano. Disponível em WWW: http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores_alexandre_herculano.htm >.

Guy Bordé e Hervé Martin – Michelet e a Apreensão “Total” do Passado. In As Escolas Históricas. Mem Martins: Europa-América, 1983. ISBN 972-1-03026-0. Cap. V, p.82-93.

Imagem:

https://toponimialisboa.files.wordpress.com/2019/09/alexandre-herculano-revcontempportbras_1-abril_1859_0004_ilustrac3a7c3a30_t24-c-r0150-1.jpg